

2^a PARTE

O incidente crítico na formação e pesquisa em educação

*Laurinda Ramalho de Almeida**

Resumo

O presente artigo objetiva apresentar a técnica dos incidentes críticos como alternativa para a investigação de sentimentos, emoções, representações, concepções, apontando seu potencial para a pesquisa e formação em educação. Destaca duas modalidades de incidentes críticos: 1) como descrição detalhada de um fato e da situação que lhe deu origem, de modo que as informações contidas na descrição ofereçam base para o leitor/ouvinte enunciar uma apreciação, opinião, julgamento ou tomada de decisão; 2) como acontecimento marcante, na consideração do próprio sujeito, que leve a mudanças ou à reafirmação de rumos nas trajetórias profissionais e pessoais. Teses e dissertações são apresentadas para exemplificar as duas modalidades.

Palavras-chave: Incidentes críticos – Pesquisa em educação – Abordagem qualitativa.

Critical incidents in research and educational development

Abstract

This article aims at presenting the critical incidents as an alternative for the study of emotions, feelings, representations, and conceptions. It shows its potential for research and education. It emphasizes two kinds of critical incidents: 1) a detailed description of a fact and the situation in which it occurs, as a basis for the reader/listener to offer an appreciation, opinion, evaluation or to make a decision. 2) an important occurrence in

* Doutora em Psicologia da Educação pela PUC-SP. Docente do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação da PUC-SP.

the personal or professional career, according to the subject's own understanding, that causes changes or confirms decisions and behaviors in their lives. Theses and dissertations are presented to exemplify the two kinds of critical incidents.

Keywords: Critical incidents – Research in education – Qualitative research.

El incidente crítico en la formación e investigación en educación

Resumen

El presente artículo tiene como objetivo presentar la técnica de los incidentes críticos como alternativa para la investigación de los sentimientos, las emociones, las representaciones y las concepciones, señalando su potencial hacia la investigación científica y formación en educación. Destaca dos modalidades de incidentes críticos: 1) como descripción detallada de un hecho y de la situación que le dio origen, de suerte que las informaciones contenidas en la descripción ofrezcan bases para el lector oyente enunciar su apreciación, opinión, juzgamiento o su decisión; 2) como acontecimiento decisivo, con relación a la consideración del propio sujeto, que lo lleve a cambios o a reafirmaciones de rumbos en las trayectorias profesionales y personales. Tesis y disertaciones son presentadas para ejemplificar las dos modalidades.

Palabras clave: Incidentes críticos – Investigación en educación – Enfoque cualitativo;

Introdução

O que passou não conta?, indagarão
as bocas desprovidas.
Não deixa de valer nunca.
O que passou ensina
com sua garra e seu mel.

Thiago de Mello

Minha primeira aproximação à técnica dos incidentes críticos deu-se no campo do ensino. Na década de 1970 e início da de 1980, fui professora de Princípios e Métodos de Orientação Educacional, na habilitação Orientação Educacional, no curso de Pedagogia. Como formadora de futuros profissionais e tendo clareza de que o aumento quantitativo do número de vagas da escola pública do então 1º grau (e posteriormente do 2º grau) levou a uma mudança substantiva das relações dos atores da escola, percebia a necessidade de trazer aos alunos o conhecimento dessa nova escola e do aluno concreto daquele momento histórico. A situação de estágio era um momento rico para atender a esse objetivo, mas não bastava (até porque eram poucas as escolas que contavam com orientador educacional). Era preciso utilizar técnicas que integrassem a teoria à prática e que facilitassem ao aluno apreender o dinamismo e a complexidade da vida escolar.

Descobri, no uso dos incidentes críticos, uma rica possibilidade.

1. A técnica dos incidentes críticos

John Flanagan, um dos grandes nomes americanos da Psicologia e da Pedagogia, foi o introdutor da técnica dos incidentes críticos em vários campos de sua atuação profissional.

Por *incidente* entende-se toda atividade humana observável, suficientemente completa, para que por meio dela se possam fazer induções ou previsões sobre o indivíduo que realiza a ação. Para ser *crítico* um incidente deve dar-se numa situação tal que o fim ou intenção da ação apareçam suficientemente claros ao observador e que as consequências da ação sejam evidentes. (FLANAGAN, 1954, p. 166).

Sua conceituação é de inspiração behaviorista, enfatizando o comportamento observável e a descrição operacional da situação.

Flanagan (apud ESTRELA; ESTRELA, 1978) introduziu esta técnica no domínio da formação profissional, como autor de um dos primeiros grandes projetos de formação para a Força Aérea Americana. No campo da orientação profissional, seleção e clas-

sificação diferencial dos trabalhadores, Flanagan foi um dos primeiros psicólogos a elaborar testes a partir da identificação das exigências críticas de uma atividade; também devem-se a ele as primeiras aplicações da técnica dos incidentes críticos no domínio da psicoterapia. No campo do ensino, no final da década de 1960, Flanagan desenvolveu dois projetos: o *Project Talent* – estudo longitudinal sobre aptidões e talentos de escolares norte-americanos, com duração de vinte anos, e o *Project PLAN* (*Program for Learning in Accordance with Needs*) – sistema de ensino extremamente flexível. Uma das bases metodológicas do *Project PLAN* é a técnica dos incidentes críticos, utilizada tanto para determinar os objetivos do ensino como para identificar os comportamentos que devem ser desenvolvidos e a base do sistema de avaliação.

Estrela e Estrela (1978) discutem a aplicação da técnica no ensino, priorizando três questões: a) o registro de incidentes críticos pelo professor, tanto para conhecer melhor seu aluno como para que outros o possam conhecer; b) a técnica dos incidentes críticos como elemento de ligação entre a formação teórica e a prática pedagógica – uma “pedagogia da situação”; c) a técnica dos incidentes críticos como subsídio para elaboração de instrumentos de avaliação.

Ao prefaciar a edição de 1994, os autores apontam que por sua simplicidade e operacionalidade, a técnica dos incidentes críticos está ao alcance de todos, e a expandem para a pesquisa em educação:

[...] dos professores que pretendem inovar, analisar e refletir sobre as suas práticas, dos formadores que encontram nela uma panóplia variada de possibilidades de utilização em atividades de formação de adultos e de formação de formadores, dos investigadores que podem ultrapassar o quadro behaviorista estrito em que ela surgiu e adaptá-la a paradigmas diferentes de investigação (ESTRELA; ESTRELA, 1994, p. 12).

Insistem ainda que os registros de incidentes críticos não podem ser descrições vagas e que misturem interpretações com dados observáveis; devem ser descrições detalhadas e precisas,

tanto do comportamento dos personagens envolvidos, como da situação que lhe deu origem.

Retomando o relato da utilização dos incidentes críticos no campo da formação de orientadores educacionais, cumpre registrar o livro de Loffredi e Silva (1981) como importante subsídio. Relatando incidentes que envolviam o orientador educacional em suas relações com a direção, professores, alunos, pais e comunidade, o livro apresentava três partes: a) análise de incidentes críticos por meio de alternativas de ação; b) análise de incidentes críticos por meio de questionamento dirigido; c) análise de incidentes críticos sob a forma de simulação.

Além da discussão dos incidentes críticos relatados no livro, e por inspiração deste, os alunos coletavam, nos estágios de observação e nas escolas onde muitos atuavam como professores, situações que consideravam críticas para discussão. Esse exercício revelou-se particularmente fecundo, porque os alunos tinham que se preparar para a observação acurada das situações, de modo a selecionar episódios relevantes e transformar seus relatos em incidentes críticos.

Nos últimos anos, trabalhando na pós-graduação, percebi o potencial dos incidentes críticos para a pesquisa em educação, no estudo de concepções, representações, sentimentos e emoções. Agreguei à proposta da técnica de Estrela e Estrela (1994) e Loffredi e Silva (1981) os estudos de Tripp (1993), Woods (1993) e Bolívar (2002).

Tripp parte da constatação de que não somente as boas técnicas e rotinas produzem um bom ensino; este depende, principalmente, do julgamento adequado do professor em situações para as quais não há uma resposta pronta e “certa”. A interpretação de incidentes críticos pode ajudar a desenvolver a habilidade de julgamento profissional, e tornar-se um padrão no ensino do professor. Segundo Tripp:

[...] um livro sobre a natureza, alcance e valor do que é geralmente chamado julgamento profissional: esses “palpites informados” que resultam da combinação da experiência com o conhecimento teórico especializado [...] O livro sugere que o desenvolvimento

do julgamento profissional através do diagnóstico de incidentes críticos é uma outra alternativa¹ que levará ao que se tem chamado de ensino-diagnóstico. (1993, p. 7).

Tripp esclarece ainda que:

Incidentes acontecem, mas incidentes críticos são produzidos pelo modo como olhamos uma situação: um incidente crítico é uma interpretação do significado de um evento [...] Muitas vezes os eventos que relatamos e relembramos são coisas rotineiras que nos fazem sentir felizes ou infelizes, coisas que nos agradam [...] (Idem, p. 8).

Tripp (1993) relata 62 incidentes críticos coletados em colaboração com alunos, professores e outros pesquisadores, envolvendo situações muito diferenciadas que são analisadas e das quais se extraem consequências e implicações para a prática. Sugere ainda um modelo de pesquisa-ação colaborativa para organização de um arquivo de incidentes críticos, no qual o professor é assistido pelo pesquisador e este, pelo professor. Sua experiência e pesquisas apontam: “uma abordagem baseada na interpretação de incidentes críticos pode mudar a natureza da profissão ensino, lidando com os problemas práticos, políticos e epistemológicos fundamentais da educação, nos termos dos professores” (p. 152).

Woods (1993) estabelece uma diferença entre eventos críticos e incidentes críticos.

Os eventos críticos são intencionais, planejados, controlados na sua execução. São críticos por serem excitantes, envolventes, por levarem a uma aceleração no desenvolvimento do professor e do aluno, ao autoconhecimento de ambos, à descoberta e vivência de valores. No transcorrer desses eventos críticos, por exemplo, a montagem e execução de uma peça de teatro ou elaboração coletiva de um livro por alunos, podem ocorrer

¹ O autor havia se referido ao trabalho de Stenhouse e sua abordagem do professor como pesquisador e à tradição do professor como prático-reflexivo, associada a Schön.

situações tais que levem o aluno ou o professor a dizer: *Nunca mais serei o mesmo depois disso*. O livro de Woods (1993) propõe-se a descrever e analisar a estrutura desses eventos críticos, dentro de uma abordagem etnográfica.

Já os incidentes críticos são considerados por Woods (1993, p. 1) como:

[...] momentos e episódios altamente energéticos que têm enormes consequências para o desenvolvimento e mudanças pessoais. Não são planejados, antecipados ou controlados. São *flashes* que iluminam fortemente, em um momento, algum aspecto ou aspectos problemáticos do papel do professor, e que apresentam, no mesmo instante, a solução [...] São fatores-chave na socialização de professores e no seu processo de afirmação.

Woods (1993) considera importante o estudo desses incidentes no âmbito da carreira dos professores, mas não os analisa no referido livro. Seu foco de análise são os eventos críticos.

Bolívar (2002) baseia seu trabalho no pressuposto de que a dimensão pessoal é fator importante nos processos de desenvolvimento profissional, insistindo em que o aperfeiçoamento profissional está associado ao desenvolvimento pessoal. Afirma que

cumprir reconhecer o papel fundamental que a afetividade e as emoções desempenham nas vidas, carreiras e desempenhos de professores e professoras. A dimensão afetivo-emocional não pode quedar à margem, como um aspecto meramente anedótico, mas assumir sua função de primeira ordem. (p. 8).

Após dissertar sobre os ciclos de vida no aperfeiçoamento pessoal e profissional de professores, Bolívar (2002, p. 62) conclui:

Seja como for, a principal contribuição do livro é destacar o papel que os *incidentes críticos* desempenham na evolução e identidade profissional. Os incidentes podem ser, em conjunto: a) fatos individuais que, por incontornáveis, estabelecem a identidade; b) acontecimentos críticos que promovem a mudança dessa identi-

dade e c) resultados de acontecimentos que reafirmam uma parte da identidade original e repelem a outra. Os incidentes críticos fazem com que o indivíduo reconheça em si mesmo coisas que antes lhe escapavam.

Segundo Bolívar, os incidentes críticos são, portanto, acontecimentos marcantes que determinam decisões, que levam a mudanças ou reafirmações de rumos nas trajetórias profissionais e pessoais. São momentos de crise. Sua caracterização aproxima-se da conceituação de incidentes críticos de Woods (1993).

Para Bolívar, Domingo e Fernández (2001), os incidentes críticos inserem-se na abordagem biográfico-narrativa da pesquisa e apresentam várias possibilidades: a) delimitar as fases críticas para o sujeito, que são pessoais e temporais; b) identificar as pessoas que foram significativas, marcantes, na trajetória profissional relatada; c) explicar as mudanças causadas pelos impactos que levaram à tomada de decisões, cuja responsabilidade não é apenas pessoal, mas também social e histórica.

2. Incidentes críticos na modalidade descrição de situações. Como elaborá-los?

Inspirada na proposta de Estrela e Estrela (1994) e de Loffredi e Silva (1981), entendo que incidente crítico é uma descrição detalhada de um fato e da situação que lhe deu origem, de modo que as informações contidas na descrição ofereçam base para que o leitor/ouvinte chegue ao enunciado de uma opinião, uma apreciação, um julgamento, uma tomada de decisão ou às alternativas para a solução de um problema. Nessa linha, o sujeito da pesquisa é convidado a refletir sobre o que aconteceu com o outro, a colocar-se no lugar do outro.

Posto isso, um bom incidente crítico é aquele que, com essas características, atende aos objetivos da pesquisa e promove o envolvimento dos participantes. Para tanto, o incidente crítico deve ser cuidadosamente elaborado. Algumas investigações que orientei no PED-PUC-SP, e que empregaram a técnica, podem oferecer pistas para essa fase (a fase posterior, de análise do conteúdo das respostas, não será focalizada, pois foge ao objetivo deste texto):

- ARDITO, Maria Tereza Medeiros. *A raiva na escola: um estudo com adolescentes paulistanos*. ME, 1999.

Ardito analisou “reações de alunos da oitava série de uma escola pública paulistana diante de relatos de situações ocorridas no contexto escolar que envolviam raiva”.

Para a elaboração de incidentes críticos, utilizou o seguinte procedimento: solicitou a uma professora de português (de escola diferente daquela que seria o local da pesquisa) que pedisse a seus alunos de oitava série uma redação sobre o tema: “Descreva uma situação na qual você sentiu raiva na escola. O que acontece quando você está com raiva? O que você faz com sua raiva?” Explicou que esse exercício ajudaria uma pesquisadora. Todos os alunos da turma (31 adolescentes – 19 moças e 12 rapazes) elaboraram um texto.

Após várias leituras das redações, Ardito elaborou os três incidentes críticos que seguem, os quais foram apresentados aos 32 alunos participantes da pesquisa, em situação natural de sala de aula (de língua portuguesa), para respostas por escrito.

Incidente Crítico nº 1: Caso da brincadeira

João e Pedro são alunos de uma quinta série. Eles e outros dez colegas estavam brincando com um ioiô na sala de aula, no horário do recreio. João começou a rodar fortemente o ioiô, e todos saíram de perto com medo de serem atingidos. O ioiô soltou-se da mão de João, bateu na janela e quebrou o vidro. Pedro aproximou-se da janela para ver o estrago. Neste momento, a inspetora de alunos, que tinha ouvido o barulho, entrou na classe e levou João e Pedro para a diretoria. Por mais que Pedro tentasse explicar para a diretora que não tinha tido culpa, esta não o ouviu e aplicou suspensão aos dois. Pedro ficou com muita raiva da diretora, mas se controlou para não dar “o gostinho a ela”. Quando chegou a sua casa, trancou-se no quarto e chutou suas coisas.

1. O que você acha desse caso?
2. Se você estivesse no lugar de Pedro, o que teria feito?

Incidente Crítico nº 2: Caso da aula de matemática

Marcos, aluno da sétima série, estava fazendo exercícios passados pela professora na aula de matemática. Em certo momento, não entendeu uma questão e perguntou sua dúvida para o colega ao lado. A professora achou que Marcos estava conversando e lhe deu uma “baita bronca”. Marcos ficou com muita raiva da professora; ficou muito vermelho e tremendo. Os colegas perceberam e alguns riram. Ele, então, cruzou os braços e não resolveu mais nenhuma questão até terminar a aula.

1. O que você acha desse caso?
2. Se você estivesse no lugar de Marcos, o que teria feito?

Incidente Crítico nº 3: Caso da recuperação

Márcia é aluna da oitava série. No final do ano, no meio de todos os colegas, a professora falou que ela não merecia passar de ano, como havia acontecido no ano anterior. E que era uma pena essa história de recuperação em janeiro, que dava aos maus alunos a chance de passar de ano. Márcia ficou com raiva e começou a responder; a professora, então, colocou-a para fora da classe. Márcia foi ao banheiro do colégio, chorou e deu um soco na parede.

1. O que você acha desse caso?
2. Se você estivesse no lugar de Márcia, o que teria feito?

- RICCI, Delcínio. *Ser professor de matemática: concepções de alunos e professores de cursos noturnos de licenciatura*. DO, 2003.

Ricci trabalhou com 18 professores e 18 alunos de cursos noturnos de licenciatura em Matemática de três instituições de ensino superior.

Para a elaboração dos incidentes críticos partiu de sua experiência como professor de matemática, de informações da literatura, bem como de levantamento de problemas que ocorrem em aulas de matemática. Pesquisou três grupos distintos: 25 alunos de um curso de especialização em Psicopedagogia; 25 alunos de um curso de Administração de Empresas e 15 participantes de um grupo informal de conhecidos.

Aos três grupos foram apresentadas as seguintes questões (respondidas por escrito pelos dois primeiros, e gravadas pelo terceiro grupo): 1) O que é ser professor de matemática? 2) Pensando em sua trajetória de vida (como aluno, colega, mãe, pai), descreva um professor de matemática.

Seguem os incidentes críticos elaborados por Ricci.

Incidente Crítico nº 1:

Durante uma aula de matemática para um curso de licenciatura em Matemática, após o professor ter resolvido na lousa e discutido amplamente mais de vinte exercícios, uma aluna levanta-se e, em tom de voz alterado, questiona o professor sobre a não resolução dos dois últimos exercícios. O professor responde-lhe educadamente que não havia necessidade de resolvê-los, uma vez que eram semelhantes aos demais. Inconformada com a resposta do professor, a aluna argumenta não estar entendendo nada e exige que o professor corrija tais exercícios. Além disso, enfatiza que a didática do professor é duvidosa. Os demais alunos permanecem em silêncio.

1. Como você analisa esse caso?

Incidente Crítico nº 2:

Numa aula de geometria sobre “*Estudo de áreas de polígonos*”, numa sala de oitava série do ensino fundamental, o professor Marcos divide a classe em grupos e distribui pedaços de barbante, cola, papel sulfite e régua para que construam polígonos antes de calcular as respectivas áreas. Entusiasmados pela atividade, os alunos começam a falar mais alto e alguns, objetivando resolver o problema, vão a outros grupos colher informações. De repente, ouve-se um grupo: “Silêncio! Que bagunça é essa? Isso é aula de matemática?” Era a diretora da escola. Quando o professor foi responder, a diretora virou-lhe as costas e foi embora.

1. Como você analisa esse caso?

Incidente Crítico nº 3:

Numa aula de estatística, num curso de licenciatura em Matemática, o professor discute com os alunos a resolução de problemas como uma metodologia de ensino da matemática e apresenta o seguinte problema:

Nossa escola deve receber 250 alunos para um campeonato intermunicipal, os quais permanecerão durante três dias alojados aqui. A escola vai oferecer-lhes duas refeições e o café da manhã. Que verba a escola deve disponibilizar para atender todos? Para tanto, devem ser calculadas as dietas (calorias) ideais para cada estudante, para cada uma das refeições e para o café da manhã. É necessário entrevistar uma nutricionista, fazer um levantamento de preços dos alimentos e apresentar uma previsão de custos.

Alguns alunos questionam: “Professor, uma metodologia deste tipo não é muito demorada? Como fica o cumprimento do programa?”

1. Como você analisa esse caso?

Incidente Crítico nº 4:

O professor Pedro, do ensino fundamental, recebe uma convocação da coordenadora pedagógica para participar de uma reunião sobre os objetivos gerais que devem nortear a elaboração do projeto político-pedagógico da escola. Pedro reflete sobre tal convocação, procura sua colega de trabalho, Sônia, e diz: “Vamos propor à coordenadora que nos dispense dessa reunião para podermos trabalhar em nossa programação de matemática. Afinal, matemática tem um conteúdo muito específico que não tem relação com os objetivos gerais da escola”.

1. Como você analisa esse caso?

2. Se você fosse a professora Sônia, como agiria?

- LOBERTO, Tânia Sanches. *O papel da afetividade no processo ensino-aprendizagem segundo futuros professores de educação física*. ME, 2005.

Loberto relata que tentou inicialmente utilizar-se de redações para atingir os objetivos da pesquisa, fazendo um estudo piloto

com nove alunos voluntários de licenciatura em Educação Física: apenas dois alunos entregaram a redação solicitada. Tentou, então, novo estudo piloto utilizando-se de entrevistas: percebeu que falar sobre sentimentos não era fácil; os alunos sentiam-se incomodados em expor situações vivenciadas na escola e não permitiam gravações. Descartou, assim, as redações e entrevistas e partiu para a utilização da técnica de incidentes críticos:

Então, baseando-me em situações vividas por mim, construí, junto com minha orientadora, cinco incidentes críticos que deveriam ser analisados, por escrito, pelos alunos. Poderiam ser outras situações, porém essas foram bastante significativas em minha carreira profissional por me instigarem a questionar constantemente minha formação, por reforçarem ou não conceitos e valores (LOBERTO, 2005 p. 59).

Os incidentes foram primeiro apresentados a um grupo piloto e, mostrando-se eficazes, apresentados aos alunos de licenciatura em Educação Física de duas universidades (69 alunos e, dado o montante de dados, 10 alunos de cada universidade foram sorteados para análise).

Seguem os cinco incidentes críticos, ao final dos quais se perguntava: “Como você analisa esse incidente crítico?”.

Incidente Crítico nº 1:

Natália tem 10 anos e cursa a quarta série do ensino fundamental de uma escola particular da capital no período matutino. Um dia, volta da escola radiante e diz: “Mamãe! Eu não tenho mais medo de fazer estrela (movimento ginástico). Olhe!” E executa o movimento para a mãe ver. Muito contente por ver que a filha superou uma dificuldade que a incomodava havia bastante tempo, a mãe pergunta o que aconteceu. “Tem professor novo de educação física na escola e ele me ajudou; ele me mostrou que eu não ia cair e não precisava ter medo.”

Incidente Crítico nº 2:

Felipe tem 12 anos e cursa a sexta série do ensino fundamental de uma escola particular em uma cidade do interior do estado de São Paulo. Além das aulas de educação física, essa escola possui aulas extras de diversos esportes, inclusive judô, e formou equipes para participarem em várias modalidades de competições. Ele faz parte da equipe de judô desde a primeira série, consagrando-se várias vezes campeão municipal, regional e estadual em sua categoria. Após ganhar mais uma medalha de ouro, comunica à sua família que vai deixar a equipe. A mãe fica perplexa e depois de muito insistir, ouve de Felipe a seguinte frase: “O professor nunca faz um elogio pra gente. Mesmo quando a gente ganha a medalha de ouro, ele fica dizendo quais os movimentos que fizemos errado e o que devemos melhorar para a próxima competição. Isso até tira o ‘gosto’ da medalha”.

Incidente Crítico nº 3:

Os professores de educação física de uma escola pública da capital formaram equipes de basquetebol, futebol, handebol e voleibol para participarem da Copa 450 anos da cidade de São Paulo. Próximo à data do início da competição, o diretor interrompe um treino extra de basquetebol e informa que as equipes não foram inscritas por falta de verba e, portanto, não participarão da competição. Vira-se e vai embora. Os professores e alunos, perplexos, não conseguem proferir uma palavra.

Incidente Crítico nº 4:

Numa aula prática do primeiro ano do curso de licenciatura em Educação Física, Aurora demonstra muita dificuldade para executar os exercícios solicitados pelo professor e começa a chorar. O professor vira-se para ela e diz: “Olha, minha filha, acho melhor você escolher outro curso para fazer porque você não leva o menor jeito para a Educação Física”.

Os alunos se entreolham sem dizer palavra e imediatamente toca o sinal indicando o término da aula. “A aula está encerrada”, diz

o professor, e todos se dispersam. Apenas alguns alunos vão conversar com Aurora, que continua chorando.

Incidente Crítico nº 5:

Na primeira aula do quarto ano do curso de licenciatura em Educação Física, o professor José esclareceu quais as atitudes em sala de aula que ele considerava inadequadas, por tirarem sua concentração e atrapalharem a aula; dentre elas: chegar atrasado, sair e voltar da aula, conversas paralelas etc. Durante uma aula teórica, o aluno Mauro sai com uma garrafinha vazia e volta com ela cheia de água, quatro vezes. José olha fixamente para Mauro todas as vezes que ele entra, demonstrando estar incomodado com a situação, mas não fala nada. Mauro, porém, nem dá atenção. Na quinta vez que Mauro ia sair, Carlos grita lá do fundo: “Enche a minha garrafa também”, jogando a sua garrafa que foi pega por Mauro. José interrompe a aula, dizendo: “Já que o assunto não tem nenhum interesse para vocês, encerro aqui a minha aula”. Pega suas coisas e vai embora. Alguns alunos permanecem sentados demonstrando constrangimento, mas Mauro “dá de ombros”.

- VEREDA, Rita de Cássia. *O apelido pejorativo na escola: um estudo com adolescentes*. ME, 2007.

Vereda propôs-se a estudar como os adolescentes de uma escola pública reagem ao apelido pejorativo na escola. Para elaboração dos incidentes críticos que seriam apresentados para alunos da primeira série do ensino médio de uma escola pública da periferia de São Paulo, partiu de situações reais das quais tivera conhecimento como professora e diretora de escola.

Seguem os três incidentes elaborados.

Incidente crítico Humberto:

Humberto tem 14 anos e estuda na oitava série do ensino fundamental. É um menino obeso e, em decorrência da gordura, suas mamas são volumosas. Na sétima série, um grupo de colegas deu-lhe o apelido de “Tetinha”, fazendo piadinhas sobre ele no recreio

e na sala de aula. Agora, na oitava série, o apelido continua. Humberto tornou-se agressivo com os colegas, envolvendo-se constantemente em brigas e confusões.

1. Qual sua opinião sobre esse caso?

Incidente crítico Caroline:

Caroline tem 14 anos e concluiu a oitava série no ano passado. Desde a quinta série estudou com a mesma turma. Ainda na quinta série, começou a ouvir gozações dos colegas de classe e foi apelidada de “Fuscão Preto”. Esse apelido deu-lhe muita raiva e provocou brigas com seus colegas. As brigas fizeram as gozações aumentarem, tanto na sala de aula como nos intervalos. Por causa disso, Caroline se isolou, não tinha amigos, não participava dos trabalhos em grupo e nem dos jogos nas aulas de educação física. Este ano não compareceu à escola para renovar a matrícula.

1. Qual sua opinião sobre esse caso?

Incidente crítico Clara:

Clara terminou o ensino médio no ano passado. No dia de sua formatura fez uma confidência a sua amiga Tânia: “Que bom chegar ao final do colegial. Foi difícil aguentar nesses anos as gozações dos colegas me chamando de ‘Cabide’ por causa da altura”. Tânia ficou surpresa porque sempre admirou Clara por sua beleza e seu porte de manequim.

1. Qual sua opinião sobre esse caso?

3. Incidentes críticos como momentos de crise: como identificá-los?

Nesta modalidade, os incidentes críticos são acontecimentos-chave que determinam decisões e rumos nas trajetórias profissionais ou pessoais, momentos marcantes atribuídos pelo próprio sujeito aos acontecimentos por ele vivenciados. Portanto, os acontecimentos são considerados relevantes (incidentes críticos) somente quando os sujeitos os apontam como tal. Inspiradas nessa posição, seguem as pesquisas de:

- SÁ, Maria Auxiliadora Ávila dos Santos. *Trajetórias docentes: avanços, recuos e desvios na vida profissional de professores engenheiros*. DO, 2004.

Sá empreendeu uma investigação para conhecer as vidas profissionais de 24 professores engenheiros em cursos de Engenharia, em quatro instituições públicas. Na linha dos estudos de Bolívar, Domingo e Fernández (2001) e Bolívar (2002), os dados foram coletados mediante entrevistas biográficas, realizadas em dois momentos. A primeira entrevista trouxe, no ritmo próprio da memória, a narrativa da vida profissional. A partir desses dados, foram elaborados biogramas (sínteses esquemáticas da trajetória dos professores) que se apresentaram como excelente forma de mapear as trajetórias e, posteriormente, como devolutiva aos participantes. Na segunda entrevista (devolutiva), ao receber uma cópia do biograma, o professor era convidado a:

- 1) preencher as lacunas que o primeiro momento da entrevista havia deixado;
- 2) ler e analisar o instrumento quanto à fidelidade em relação ao encontro anterior;
- 3) indicar as alterações necessárias, inclusive os acréscimos;
- 4) indicar os *incidentes críticos* (acontecimentos marcantes e decisivos na escolha e nos rumos de sua trajetória como docente);
- 5) organizar os acontecimentos que compunham a trajetória em períodos ou fases principais. (Sá e Almeida, 2004, p. 187).

A indicação dos incidentes críticos possibilitou à pesquisadora “compreender as descontinuidades presentes nas trajetórias dos professores engenheiros, situações que imprimem e expressam a singularidade das vidas relatadas”, e provocou o seguinte questionamento: “Qual o peso desses incidentes nas decisões dadas às trajetórias? [...] O conhecimento e a reflexão sobre esses incidentes poderiam colaborar para a construção de trajetórias mais produtivas, mais harmoniosas, mais realizadas?” (SÁ, 2004, p. 97).

- FRANCO, Francisco Carlos. *Sentimentos e emoções de professores de arte que atuam na rede estadual paulista frente às mudanças de políticas educacionais*. DO, 2008.

Franco desenvolveu uma investigação sobre os sentimentos e emoções de oito professores de arte de uma Diretoria de Ensino da Grande São Paulo. Utilizou-se da entrevista para a produção de informações, na linha biográfico-narrativa. A identificação dos incidentes críticos que se apresentaram na trajetória dos professores diante das mudanças nas políticas públicas “foi o caminho que possibilitou entender os acontecimentos mais significativos em seus relatos”. Inspirando-se em Bolívar (2002), Franco buscou os incidentes provocadores de mudanças no curso da vida profissional desses professores.

Exemplificando: Cláudia, uma das entrevistadas, ao narrar sua participação em encontros de formação, relata o que sentiu após um determinado encontro:

Agora encontrei o meu lugar, agora encontrei o que tenho que fazer, agora eu tenho um chão, porque até então eu não tinha. Eu era uma folha solta no vento, infeliz, angustiada. E de repente eu encontrei o meu lugar naquele grupo. Então, vou te dizer, foi a experiência mais importante de minha vida. Então, naquele momento, eu nasci (FRANCO, 2008, p.150).

A fala de Cláudia aponta aquele encontro de formação como um incidente crítico, determinante de uma mudança e de uma reafirmação de rumo: passou do sofrimento para o prazer e, apesar do reconhecimento das dificuldades, reafirmou sua disposição de continuar professora de arte na rede pública.

4. Concluindo

A técnica dos incidentes críticos, nas duas modalidades referidas neste texto, tem se mostrado um bom instrumento para a formação e a pesquisa em educação.

Na primeira modalidade discutida, permitiu aos alunos e professores participantes das pesquisas relatadas a expressão de sentimentos diante das situações vividas por outros (por vezes, situações vividas por eles mesmos, retomadas por inspiração do incidente crítico); manifestação de opiniões sobre atitudes de colegas, sobre atuação de professores, sobre o ensino e a esco-

la; expressão de concepções sobre alunos, professores, ensino, escola. Falar do que aconteceu com o outro e sobre o outro deu aos participantes da pesquisa maior liberdade de expressão sobre os acontecimentos e, ao fazê-lo, manifestaram suas concepções, sentimentos, emoções, representações. Portanto a produção de informações atendeu aos objetivos do pesquisador. Em paralelo, a reflexão sobre os fatos (e a posterior devolutiva da pesquisa feita pelo pesquisador) constituiu, para os participantes da pesquisa, um importante momento de formação. Quanto aos incidentes críticos considerados como crises, rupturas, provocadores de mudanças de rumo, a pesquisa permitiu que professores, ao identificarem os incidentes críticos de sua trajetória profissional, chegassem a uma maior compreensão de decisões tomadas em função da vivência de situações – planejadas ou não – na trajetória docente, e a uma reflexão sobre sua formação e atuação. Portanto, também aqui, a identificação dos incidentes críticos foi, para o pesquisador, elemento desvelador dos rumos tomados na trajetória profissional dos pesquisados e, para estes, o processo realizado constituiu um momento rico de formação.

Convém observar que, embora o texto tenha oferecido exemplos na linha da pesquisa em educação, na experiência desta articulista os incidentes críticos têm se mostrado um bom recurso na área da formação de profissionais da educação.

Nas duas modalidades discutidas no texto, o incidente crítico tem se mostrado um recurso para autoformação do pesquisador (aqui me incluo), pois, ao provocar a reflexão sobre o que aconteceu com o outro, e sobre a trajetória do outro, leva-o a refletir sobre sua própria atuação e trajetória.

Fica por conta também da intuição do pesquisador dar movimento à técnica, de forma a colocá-la a serviço dos objetivos de sua pesquisa e captar a subjetividade dos que se dispõem a participar dela. Aqui, a intuição é entendida no sentido empregado por Wallon, e muito bem explicitado por Zazzo (1978, p. 160): “A intuição é precedida, preparada pela experiência, pela reflexão, e deve ser seguida por uma análise escrupulosa”.

Referências bibliográficas

- ARDITO, M. Tereza M. *A raiva na escola: um estudo com adolescentes paulistanos*. 1999. 176 p. Dissertação de Mestrado— PUC, São Paulo.
- BOLÍVAR, Antonio (Org.). *Profissão professor: o itinerário profissional e a construção da escola*. Trad. Gilson Souza. Bauru, SP: EDUSC, 2002.
- BOLÍVAR, A.; DOMINGO, J.; FERNÁNDEZ, M. *La investigación biográfico-narrativa en educación*. Madrid: La Muralla, 2001.
- ESTRELA, Maria Teresa; ESTRELA, Albano. 2. ed. *A técnica dos incidentes críticos*. Lisboa: Estampa, 1994.
- FLANAGAN, John. La technique de l'incident critique. *Revue de Psychologie Appliquée*, v. 4, n. 2, p. 165-185, abr. 1954,.
- FRANCO, Francisco Carlos. *Sentimentos e emoções de professores de Arte que atuam na rede estadual paulista frente às mudanças de políticas educacionais*. 2008, 240 p. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- LOBERTO, Tânia. *O papel da afetividade no processo ensino-aprendizagem segundo futuros professores de Educação Física*. 2005, 156 p. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- LOFFREDI, Laís; SILVA, Dina. *Encontros e desencontros na escola: o papel do orientador educacional*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.
- SÁ, M. Auxiliadora Avila; ALMEIDA, Laurinda R. Devolutiva de entrevistas: o biograma na pesquisa em educação. *Psicologia da Educação*, n. 19, p. 185-192, 2º sem. 2004.
- RICCI, Delcínio. *Ser professor de matemática: concepções de alunos e professores de cursos noturnos de licenciatura*. 2003, 268 p. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- SÁ, Maria Auxiliadora A. S. *Trajetórias docentes: avanços, recuos e desvios na vida profissional de professores engenheiros*. 2004, 233 p. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- TRIPP, David. *Critical incidents in teaching: developing professional judgement*. London: Routledge, 1993.
- VEREDA, Rita de C. *O apelido pejorativo na escola*. 2007, 160 p. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- WOODS, Peter. *Critical events in teaching and learning*. London: The Falmer Press, 1993.
- ZAZZO, René. *Henri Wallon: psicologia e marxismo*. Lisboa: Vega, 1978.

Endereço para correspondência:

R. Ministro Godoy, 969, Perdizes – CEP: 05015-901. São Paulo-SP.

e-mail: laurinda@pucsp.br

Recebido em 12 de fevereiro de 2009

Aceito em 18 de março de 2009